

DOUTORADO EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO - SALVADOR - BAHIA
III SIANCO – SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE COGNITIVA
18/11/2019 – 19/11/2019

ÁREA TEMÁTICA: cultura e conhecimento, transversalidade, interseccionalidade e (in)formação.

MÃOS QUE ORNAM O BARRO: MULHERES CERAMISTAS DE COQUEIROS ENTRE O TRABALHO, ANCESTRALIDADE E REMANESCÊNCIA NUMA PERSPECTIVA DA EJA

Marineide Leite Marques¹
Leliana Santos de Sousa²
Ana Licia de Santana Stopilha³

Resumo

Este artigo resulta da pesquisa que ocorre desde 2015, no distrito de Coqueiros em Maragogipe, cidade do Recôncavo Baiano. O tema faz uma abordagem sobre o trabalho das mulheres ceramistas de Coqueiros, num contexto etnoeducacional na EJA, problematizando o trabalho das matriarcas e das mulheres jovens, numa perspectiva entre o trabalho e a EJA. Neste contexto surge o questionamento: As ceramistas se sentem valorizadas e representadas através do seu trabalho nas turmas da EJA em Coqueiros? O objetivo geral desse estudo é discutir as questões que envolvem os saberes da escola e os saberes dos práticos na EJA. Nos resultados iniciais desse estudo que ocorreu através da percepção das ceramistas em relação à escola, temos dados que apontam para uma ausência dialógica entre o fazer ancestral das ceramistas e a escola, que geograficamente está muito próxima, porém, aparentemente, muito distante dos saberes da comunidade. Em outro momento, dados referentes à percepção dos professores da EJA em relação a possível invisibilidade social do trabalho das ceramistas em relação às práticas educativas serão discutidas e reverberadas no discurso entre os saberes da escola e os saberes dos práticos. A metodologia utilizada aqui foi o estudo bibliográfico e a história oral das ceramistas numa abordagem qualitativa, seguindo um caráter descritivo, numa pesquisa de campo onde os instrumentos diretos foram a observação e a roda de

¹ Professora da rede Estadual de Ensino da Bahia – CAP – Feira de Santana. Mestranda do Programa de Mestrado em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA. Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional – GEEDR/UNEB/CNPq.

² Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Professora e Orientadora do MPEJA. Professora do Componente Análise Cognitiva do DMMDC – Doutorado Multiinstitucional e Multirreferencial em Difusão do Conhecimento. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional- GEEDR/UNEB/CNPq.

³ Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus XV – Valença Coorientadora da Pesquisa em foco. Desenvolve pesquisa com a comunidade das marisqueiras Membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional- GEEDR/UNEB/CNPq. Possui Doutorado em Difusão do conhecimento pela Universidade Federal da Bahia, Tem experiência na área de Administração, educação e educação à distância.

conversa e a entrevista. O arcabouço teórico que nos ajudou na construção desta tessitura, encontram-se em: Fonseca (2002), Freire (1987), Minayo (2010), Kohn (2014), Carneiro (2009), Warschauer (2001), Santos (2014), Certeau (1994), Gil (2007), Almeida (2003, apud Bandeira 1972, p. 70), Souza, Galvão, Santos (2014), Matta (2013), IBGE (2017)

Palavras- chaves: Mulheres. Ceramistas. Saberes e Práticas Ancestrais e EJA.

1. Introdução

A história registra que com o descobrimento do território brasileiro, os povos indígenas foram escravizados, depois passando pelo período da colonização, com a chegada dos negros, que até o fim do império, viveram também escravizados. Estes povos vivenciaram os augúrios gerados pelo processo de dominação e ao serem libertos vivenciam ainda hoje, lutas constantes pelo acesso às políticas públicas, direito à terra, à saúde, à educação e a visibilidade social, principalmente através da pluralidade cultural que envolve o saber local, marca frequente no cotidiano da população brasileira.

Segundo Santos (2014), no período do “achamento” do Brasil, o território baiano era ocupado por povos Tupis: Tupinambás, mais ao norte; Tupiniquins ao sul do rio de Contas, mais localizados no litoral; e por povos de língua Jê, os Tapuias. Os Tapuias habitavam o sertão, a maior parte do interior do semiárido, o cerrado e alguns pontos mais próximos do litoral, entre Ilhéus e Espírito Santo. Estes Tapuias mais próximos do litoral eram os Aimorés.

Os índios Aimorés deixaram suas marcas ainda presentes na hoje cidade de Maragogipe, localizada à margem direita do Rio Paraguaçu. Os Aimorés chamavam o local de “Marag-gyp” que significa “rio dos mosquitos” por ser cercada por manguezais onde tinha muitos insetos. Vários exploradores chegaram à região, viram que os índios, além de pescar e caçar para a sua subsistência, utilizavam o solo fértil para plantar a mandioca, e assim produzir a farinha entre outros alimentos derivados desta planta. Os colonizadores portugueses fixaram residência, exploraram a extração da madeira, implantaram engenhos de cana-de-açúcar e casas de farinha no Recôncavo Baiano. (Matta 2013)

Segundo IBGE (2017), o Recôncavo Baiano possui área geográfica que reúne os municípios de Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, São Félix, Muritiba, Santo Amaro, Castro

Alves, Conceição do Almeida, Dom Macedo Costa, Muniz Ferreira, Nazaré, Santo Antônio de Jesus, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Cruz das Almas, Governador Mangabeira, São Felipe e Maragogipe onde se situa o distrito de Coqueiros lugar dessa pesquisa.

Esse momento da pesquisa de campo, que faz um recorte em relação ao olhar das mulheres ceramistas em relação aos saberes étnicos ancestrais, do labor do fazer a cerâmica e a visibilidade desse saber ancestral vinculado aos saberes da escola nas turmas da EJA, propiciou discussões acerca da função da escola na contemporaneidade, em relação à valorização dos saberes dos práticos, como viés condutor no processo educativo e diversificação do conhecimento.

Neste contexto surge o questionamento: as ceramistas se sentem valorizadas e representadas através do seu trabalho nas turmas da EJA em Coqueiros? O objetivo geral desse estudo é discutir as questões que envolvem os saberes da escola e os saberes dos práticos na EJA.

Nos resultados iniciais desse estudo que ocorreu através da percepção das ceramistas em relação à escola, temos dados que apontam para uma ausência dialógica entre o fazer ancestral das ceramistas e a escola, que geograficamente está muito próxima, porém aparentemente, muito distante dos saberes da comunidade. Em outro momento, dados referentes à percepção dos professores da EJA em relação a possível invisibilidade social do trabalho das ceramistas em relação às práticas educativas serão discutidas e reverberadas no discurso entre os saberes da escola e os saberes dos práticos.

Nas considerações em relação a esse momento da pesquisa, ressaltamos que existe um possível sentimento de descrédito e ausência de pertencimento cultural, entre as ceramistas mais jovens, em virtude do não reconhecimento da importância cultural deste fazer artesanal.

A metodologia utilizada aqui foram os estudos bibliográficos e a história oral das ceramistas em uma abordagem qualitativa, seguindo um caráter descritivo, numa pesquisa de campo onde os instrumentos diretos foram a observação, a roda de conversa e a entrevista. O arcabouço teórico que nos ajudou na construção desta tessitura, encontram-se em: Fonseca (2002), Freire (1987), Minayo (2010), Kohn (2014), Carneiro (2009), Warschauer (2001), Santos (2014), Certeau (1994), Gil (2007), Almeida (2003, apud Bandeira 1972, p. 70), Souza, Galvão, Santos (2014), Matta (2013), IBGE (2017).

2. Procedimentos teórico-metodológicos.

Para a realização desse estudo, seguimos os passos da pesquisa qualitativa de caráter descritivo, o instrumento utilizado será a pesquisa de campo através de dispositivos construídos no processo da observação questionante, conforme Sousa; Galvão, Santos, (2014) de forma colaborativa, e se necessário, sendo complementado com procedimentos mais diretivos como questionários e entrevistas. Esta pesquisa versa sobre a produção econômica das ceramistas de Coqueiros, mulheres que disseminam pelas mãos, saberes e práticas, arte de fazer herdada da ancestralidade indígena.

Pode-se supor que essas operações multiformes e fragmentárias, relativas a ocasiões e detalhes insinuadas e escondidas nos aparelhos, das quais elas são os modos de usar, e, portanto desprovidas de ideologias ou de instituições próprias obedecem a regras. Noutras palavras deve haver uma lógica dessas práticas. Isso significa voltar ao problema já antigo, do que é uma *arte* ou “maneira de fazer”. Dos gregos a Durkheim, passando por Kant, uma longa tradição tentou formalizar as formalidades complexas (e não de todo simples ou “pobres”) que podem dar conta dessas operações. Por esse prisma, a “cultura popular” diferentemente, assim como toda literatura chamada de “popular”: ela se formula essencialmente em “artes de fazer” isto ou aquilo, em consumos combinatórios e utilitários. Essas práticas colocam em jogo o *ratio* “popular”, uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar. (CERTEAU, 1994, p.42).

Trata-se de um grupo de aproximadamente 40 mulheres, mas aqui teremos uma amostragem com 15 mulheres, que dedicam a maior parte de seu tempo nesta atividade que gera renda e garante o sustento de suas famílias. Este estudo apresenta inicialmente aspectos introdutórios; justificativa; problemática; objetivos. Em seguida, pontua acerca dos procedimentos metodológicos e instrumentalização técnica. A fundamentação teórica delimita o lócus da pesquisa, caracterizando o local e os sujeitos em questão. Seguindo aspectos referentes ao desenvolvimento, resultados da pesquisa, considerações finais e as referências.

A abordagem desta pesquisa é qualitativa, que segundo Minayo (2010), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. O tema deste estudo, trata sobre o trabalho das Ceramistas de Coqueiros, intitulado aqui: - Mãos que ornem o barro para o sustento: mulheres ceramistas trabalhadoras do Distrito de Coqueiros-Bahia-Brasil - na perspectiva etnoeducacional da EJA, que pretende através de procedimentos metodológicos que alicerçam a abordagem qualitativa, como: descrição, escuta sensível em roda de conversa, observação

participante e depoimentos, referendar as relações etnoeducacionais e o trabalho das ceramistas.

É na pesquisa qualitativa que o pesquisador se ocupa da dupla função pois, ao mesmo tempo que é o sujeito, é também sujeito e objeto, e esta condição é imprescindível para o desenvolvimento da pesquisa.

O problema central da pesquisa pelos práticos torna-se construção dos posicionamentos do pesquisador e das suas relações com o sujeito/objeto de pesquisa. Tirar partido de sua posição específica em um processo de pesquisa exige uma lucidez e um rigor metodológico que permitem construir e reconstruir constantemente o equilíbrio frágil em três fins, ajustá-los com justeza e pertinência em todo momento – na medida do possível. E, ao reconhecer esses três fins como preocupações de todos os atores, além de mero pesquisador, esse modo de produção de conhecimentos. KOHN (In. SOUSA, GALVÃO & SANTOS, 2014, p. 241).

Como instrumento para este estudo foi escolhido a pesquisa de campo, que se caracteriza pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, realiza-se também a coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa. (FONSECA, 2002). Para tanto, a escolha da abordagem qualitativa decorre da possibilidade do recorte mais aproximado entre o objeto e o pesquisador, bem como, a questão da opinião do pesquisador poder estar integrada à pesquisa, contrapondo-se a uma visão positivista, que engessaria e dificultaria à relação entre pesquisador e objeto no contexto das pesquisas sociais. A descrição escuta sensível em roda de conversa, observação participante e os depoimentos são partes indissociáveis desse processo etnográfico que compõem as práticas “etnografadas” e difundidas pelas ceramistas que ganham destaque na região do recôncavo pela especialidade do trabalho de “esculpir o que cozinha o alimento”, isto é fazer especialmente “panelas”. Observando mulheres idosas, adultas e jovens pode-se compreender o processo de trabalho e as situações de um espaço - território composto de objetividade e subjetividade pelo movimento das mãos que deslizam na matéria-prima dos elementos terra e água; ar, fogo e madeira dando contornos para a criação de uma panela peça de barro que vai ser comercializada.

Ratifica-se a criação de modos de existência pela diferenciação na dinâmica do trabalho das ceramistas: suas múltiplas conexões no cotidiano explicitando modos do social que não se encaixa na forma fragmentada de um modelo identitário e homogeneizante cujas práticas e sentidos lhe são atribuídos da exterioridade. Esse processo metodológico possibilita questionar a emergência das estruturas de sentido, na linha de compreensão dos

movimentos de desejo na perspectiva de referendar as relações etnoeducacionais a partir do trabalho das ceramistas destacando as linhas de força, as intensidades e os afetos enquanto pontos de assentimento. Esse modo de acompanhamento da pesquisa permite compreender o movimento de cada uma e do grupo de maneira dialógica no que tange as intensidades e afetos que atravessam de modo a manter um fenômeno de sustentabilidade da vida social.

É na roda de conversa que podemos trocar informações, desabafar, divertirmo-nos, confraternizarmos e forjarmos opiniões pertinentes ao assunto ali discutido. Nesse sentido, concordamos que:

Conversar não só desenvolve a capacidade de argumentação lógica, como, ao propor a presença física do outro, implica as capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, inserir-se na malha da conversa, enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro etc [...] Warschauer (2001, p. 179)

Seguindo estes passos, nos conduzimos e arrumamos nossa roda de conversa. Warschauer, descreve o que compreendemos como sendo um desejo urgente dos nossos educandos da EJA: a oportunidade de falar e ser escutado. E quando ocorrer esse momento, que possam se colocar sem receios de retaliações e correções desnecessárias e constrangedoras. É importante dialogar com os sujeitos/objetos da pesquisa, porque podemos enveredar em um universo de sabedoria, solidariedade, interações e respeito não somente pelo pesquisador, mas, por todo o cenário imbricado nesse processo tão significativo.

Segundo Gil (2007) pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais usada no âmbito das ciências sociais. Um outro procedimento adotado foi a aplicação de questionários, que segundo o autor, constitui hoje umas das mais importantes técnicas disponíveis de dados das pesquisas sociais, podendo ser definido como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc. Segundo o autor a diferença entre questionário e entrevista está em que nesta, as questões são formuladas oralmente. O uso de questionários nessa pesquisa se justifica pela necessidade de obter indicadores relativos ao trabalho de mulheres ceramistas, da localidade de Coqueiros, que integra o território de identidade do recôncavo, e visa a possibilidade de evidenciar a reflexão de aspectos originados dessa cultura na educação de jovens e adultos.

Diante do exposto cabe ressaltar que, os dois instrumentos utilizados integralizam aqui elementos enunciadores de uma perspectiva da relação do trabalho num contexto etnoeducacional de pesquisa investigativa, utilizando-se inicialmente, da observação participante, dos questionários, entrevistas além das narrativas espontâneas de atores sociais vinculados ao espaço-tempo da cerâmica de Coqueiros.

3. Sobre o resultado parcial da pesquisa

“Descobrirem-se através de uma modalidade de ação cultural, dialógica, problematizadora de si mesmos em seu enfrentamento com o mundo, significa, num primeiro momento, que se descubram como Pedro, Antônio, Josefa, com toda a significação profunda que tem esta descoberta. Reconhecem-se agora como seres transformadores da realidade, para eles antes algo misterioso, e transformadores por meio de seu trabalho criador” (Freire, 1987).

Mediante tratamento parcial desta pesquisa, foi possível constatar que entre as ceramistas matriarcas, duas – das seis entrevistadas – nunca frequentaram a escola, quatro frequentaram a escola e três afirmaram que os professores nunca trataram de temas relacionados ao trabalho com cerâmica. Dentre estas quatro, duas não se declararam alfabetizadas. Uma delas declarou que não frequentou a escola quando criança, o que nos leva a supor que frequentou apenas quando adulta. Às nove ceramistas mais jovens, filhas, sobrinhas e afilhadas das matriarcas apresentam níveis de escolarização entre o ensino fundamental e o ensino médio. Ao serem questionadas em relação à escola e os saberes da comunidade, todas as entrevistadas, afirmam que a escola não tratou sobre questões relacionadas ao trabalho da cerâmica. Constatamos o distanciamento entre temáticas tratadas na Escola e o exercício dessa atividade profissional tão expressiva na localidade. Verificamos ainda que Almeida, (2003), Apud Bandeira (1972, p.70), em seu artigo *As ceramistas indígenas do São Francisco* ratifica:

"Cerâmica é uma especialização feminina, passa de mãe para filha. As meninas desde cedo ajudam a mãe e acabam por aprender as técnicas. Quando a mãe não sabe, a filha não aprende com outra mulher. As mulheres que se dedicam à confecção da cerâmica são chamadas de louceiras. Há louceiras em todos os núcleos com frequência muito maior na Cacimba Seca, Lagoa Grande e Baixa da Cangalha".

E que normalmente vimos nos livros didáticos apenas fotos ilustrativas de cerâmicas (panelas) apenas como exemplo de artefatos feitos por indígenas, mas que não se referem como forma de ocupação e produção do mundo do trabalho.

Um outro ponto unânime entre as mulheres mais jovens, é em relação à feitura da cerâmica que acontece em cinco etapas: preparar o barro, fazer as peças, secar ao sol, brunir e queimar. Todas as entrevistadas jovens disseram, que fazem o brunir das peças já prontas. Brunir significa burilar, pintar, consiste no embelezamento, é o trabalho de arte final. O sentimento é de que não existem atrativos para as jovens desenvolverem todo o processo laboral das peças; desde o aprender a moldar o barro e transformá-lo em “louças”, prontas para o uso e principalmente para a comercialização, pois que destoa da mentalidade de industrialização em série, que ressalta a especialização em partes do processo de produção e não na feitura da totalidade da peça por uma artesã caracterizando assim, maior probabilidade de esquecimento de um fazer artesanal, que envolve a cultura ligada à ancestralidade e à resistência étnica de toda uma comunidade. Para além da neoperspectiva do consumo e da geração de emprego e renda, do ponto de vista antropológico, trata-se do desaparecimento de uma cultura ao mesmo tempo, artística e de subsistência, cujo desestímulo, leva à desistência e negação do espírito e da mão empreendedora feminina.

4. Considerações

Através deste recorte da pesquisa, foi possível elencar as relações culturais e as vivências etnoeducacionais, através do trabalho ancestral representado pela cerâmica de Coqueiros, bem como, a relação entre as matriarcas e as mulheres mais jovens, pontuadas através da divisão das tarefas, num diálogo simbólico, onde fica problematizada a questão da sobrevivência desta atividade, pois está posto que, as matriarcas dominam todas as etapas da produção, já as mais jovens, apenas se dedicam a fase final do trabalho, e declaram, que realizam a atividade de ceramista em decorrência da falta de opção de emprego local para obtenção de renda fixa.

Observamos a reserva de espaço numa determinada área do distrito de Coqueiros onde essa produção é realizada cotidianamente. Identifica-se o trabalho de produção exercido por mulheres fora e dentro do ambiente doméstico, fora porque elas se reúnem em um espaço-tempo coletivo para a atividade produtiva e também transportando para o ponto de comercialização mais rápido e em grosso, além da exposição das peças para venda no varejo aos transeuntes, turistas e visitantes ocasionais. Dentro, porque desse lado do espaço privado,

elas utilizam as peças que fazem nos afazeres domésticos, além de serem na maioria das vezes as mantenedoras da família, no caso das senhoras e no que se refere às jovens ajudam à família nas despesas da casa. Não há dúvida a respeito de que desse espaço-tempo de produção feminina de geração da cerâmica, temos um efetivo aproximadamente de 40 mulheres ceramistas e apenas 3 homens que participam das etapas de produção de forma parcial, parecendo não existir controladoria do masculino.

Ao contrário de Maragogipinho, o distrito de Coqueiros não tem uma feira de comercialização das cerâmicas, a tradição sempre foi vender os produtos dentro de casa. A cultura da localidade sempre foi assim, apesar de anos atrás ter sido bem melhor, pois os saveiros levavam para o “Mercado Modelo”, divulgavam a tradição coqueirense. Atualmente, o comércio da cerâmica saiu e as ceramistas têm muita dificuldade para venderem seus produtos. (CARNEIRO, 2009)

Cabe ressaltar, que existe um possível sentimento de descredito e ausência de pertencimento cultural, entre as ceramistas mais jovens, em virtude do não reconhecimento da importância cultural deste fazer artesanal, que ocorre através da invisibilidade dos saberes da comunidade no âmbito do processo de escolarização, onde a ação educativa precisa ser enredo para que os diversos atores sociais se identifiquem e se representem com sentimento de pertencimento no território ao qual as mãos e o coração se encontram afiliados, seja de nascença, seja por adoção.

Referências

ALMEIDA, L. S. de., **As ceramistas indígenas do São Francisco**. Estud. av. vol.17 no.49 São Paulo. 2003
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300015

BRASIL.**IBGE**- <https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=292060> – acessado em 22/12/2017

CARNEIRO, Aldemir Rildon. JESUS, Geferson Santana de. **Cultura e Economia**: Análise das(os) ceramistas de Coqueiros e Maragogipinho. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular(CNFCP), 2009. -
http://www.cnfc.gov.br/interna.php?ID_Secao=1 – acesso 10/11/2017.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

KOHN, R. C. **A PESQUISA PELOS PRÁTICOS**: a implicação como modo de produção dos conhecimentos. Tradução de Leliana Santos de Sousa. In. SOUSA, L. S. de; GALVÃO, P.C.S.; SANTOS, C.R.S. dos. (Orgs.) **Saberes, Práticas e Sustentabilidade**. Indígenas-Afrobrasileiras-Tecnologias Sociais. Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional(CPEDR). Curitiba-Pr. Brasil. Editora CRV. 2014, p. 237- 253.

MATTA, Alfredo. *História da Bahia*. Salvador. Eduneb,2013.

MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SANTOS, Fabricio Lyrio. **Da catequese à civilização**: colonização e povos indígenas na Bahia. 1ª Ed. Cruz das Almas-Ba: UFRB, 2014.

SOUSA, L. S. de; GALVÃO, P.C.S.; SANTOS, C.R.S. dos. (Orgs.) **Saberes, Práticas e Sustentabilidade**. Indígenas-Afrobrasileiras-Tecnologias Sociais. Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional(CPEDR). Curitiba-Pr. Brasil. Editora CRV. 2014.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela**. Riode Janeiro: Paz e Terra. 2001.